



5

Swellendam

Ao final do nosso sétimo dia de África do Sul, chegamos a Swellendam e isso merece todo meu destaque. Trata-se da terceira cidade mais antiga da África do Sul. A primeira é Cape Town e a segunda é Stellenbosch. Assim que entramos, confirmamos a expectativa inicial: tratava-se de uma pequena cidade, com alguns poucos prédios de valor histórico e uma vida pacata.

O indescritível, pois por mais que eu me esmerezerei capacidade de registrar toda a experiência que vivemos, foi a chegada à Guest House Augusta de Mist. Acho que não contei ainda que *guest house* é a expressão que denota, mais ou menos, o mesmo que chamamos, no Brasil, de pousadas, ou seja, não se aplica essa conceituação aos grandes estabelecimentos de hospedagem, pertencentes ou não a redes. Sempre para se indicar as *guest houses*, das mais simples às mais sofisticadas (vimos uma em Knysna Bay que era seis estrelas), há a placa B&B, como na Inglaterra, para mostrar que se trata de *bed & breakfast*.

Bem, mas voltemos ao Augusta de Mist Country Retreat (esse era o nome completo do estabelecimento). Havia logo no estacionamento, uma placa simpática e a indicação de tocar a campainha. Fizemos isso, uma voz nos informou que viria, até nós. Chegou um simpático, gordinho, vermelho e engraçado senhor que, ao perguntarmos onde era a recepção, informou-nos que a recepção era ele, ou seja, onde ele estava era a recepção e onde ele ia, a recepção ia com ele. Deu uma risada e disse que, antes de mais nada, deveríamos nos apresentar: apertou a mão do Eliseu, disse o nome dele (que até agora não compreendemos se é Peter ou Anderson), perguntou o nome do Eliseu (e disse “Ahhh”, como se estivesse se lembrando da reserva) e sequer dirigiu o olhar para mim, o que me fez rapidamente entender que as apresentações não incluíam as mulheres.

Imediatamente, começou a nos mostrar a sala de café da manhã e depois acompanhado de um cachorro gigantesco, que devia ser tão bonzinho que estava de focinheira, levou-nos até nossos aposentos, que parecem ter sido, no passado, uma pequena casinha que compunha essa propriedade rural bastante pequena e que está, hoje, dentro da cidade. Por fora, a construção é bem simples, a porta abrindo em duas abas é similar às da área rural brasileira, no passado. Por ela tinha-se acesso a três peças: uma pequena sala com duas poltronas, lareira e um cantinho em que havia uma pia. Um quarto aconchegante com cama grande e um banheiro com estilo de área rural, mas com todo conforto (incluso banheira e secador de cabelo).

O sensacional foi a conversa dele com o Eliseu, que eu acompanhei a meia distância. Pouco se entendia do inglês dele e, ao pedido do Eliseu para que ele falasse mais devagar, retrucou dizendo que sua língua era o africâner e não o inglês, sugerindo que não deveríamos esperar que ele falasse um bom inglês, mas sim ao contrário nós devíamos saber africâner.

Ele falava, falava, falava, e nós dois, equivocadamente, entendíamos que ele queria saber, se a gente ia jantar na *guest house*, mas não era nada disso: ele queria nos informar que, para jantar em qualquer lugar, era preciso reservar. Mostramos as duas indicações do Guia Visual - Folha de São Paulo e ele disse que um dos dois restaurantes indicados estava fechado e outro não era mais considerado bom. De todo jeito, ele tinha excelente indicação e nós resolvemos aquiescer a ela, já que ele teria que fazer a reserva para nós e se fizéssemos outra escolha teríamos nós que pegar o telefone e tomar essa providência numa cidade que, nem todos falavam o inglês.....

Aliás, esse ponto merece destaque, tanto em Knysna como em Swellendam para se comer nos melhores restôs, era preciso ir cedo (às 21h todos estão encerrando os serviços) e fazer reservas pois, se não, corremos o perigo de ficar sem jantar, como quase nos aconteceu em Knysna, por volta de 20h30!!!!

Bem, ele era realmente uma figura. Neste caso, a expressão da Thereza Marini já citada neste diário, faz todo sentido: ele era *tipique!!!!* Vestia bermuda cáqui e camisa cáqui, que na barriga deixava entrever o quanto ele engordou recentemente. Nos pés, meias grossas como de escoteiro e sapatos de solado muito grosso também. Ele tinha um bigode a la Asterix. Perguntou de que país éramos e, após a informação do Eliseu, foi categórico: “É raro ver brasileiro em Swellendam!!!!” e deu outra boa risada.

Toda essa conversa sobre o país de origem decorria de decidirmos em que língua devíamos nos comunicar (ele mais uma vez manifestava desejo de que falássemos o africâner. Eliseu informou que falávamos português e ele então, disse: “... mas então vocês são de Portugal”. Não, não, corrigiu Eliseu, somos do Brasil e lá se fala português, ainda que com acento diferente de Portugal. Ele quis saber se a gramática era igual, Eliseu explicou sobre o acordo ortográfico que unia Portugal, Brasil e outras ex-colônias portuguesas e foi citando uma a uma. Ele, prestando atenção ou fazendo que prestava atenção, sem mais nem menos, disse que há dois anos sua mulher foi a Milão. Não me pergunte por que ele associou Milão ao Brasil..... mas, suponho que ele pensou “Era tudo muito longe de sua Swellendam e de seu africâner”.

Essa cena toda ia se desenrolando, enquanto o cachorro nos olhava.... Quem convive comigo sabe que tenho medo de cachorro, então, tudo que eu escrever sobre esse tema, tem que ser relativizado por esse fato. Bem, mas esse cachorro era mesmo grande e parecia querer me dizer algo (eu sei que cachorros não falam, mas eles dizem coisas com os olhos e com o jeito como abrem a boca e começam a babar). Esse algo era: “Se eu não estivesse com essa focinheira, você não me escaparia, porque estou sentindo, pelo seu cheiro, que você tem medo de mim e que eu posso te vencer em qualquer embate entre nós dois”.

Eu acompanhava seu pensamento, observando bem o tipo de acabamento lateral daquele objeto, que depois ao chegar ao Brasil, meu filho Ítalo esclareceu que não é

focinheira coisa alguma, mas apenas uma proteção chamada abajur para que os animais não lambam seus ferimentos. Vejam vocês que passei um grande perigo, sem saber, o que evitou que eu ficasse com mais medo e ele mais sabedor do seu poder.

Desviando meu olhar do cachorro, voltei a prestar atenção no dono da *guest house* que continuava a fazer referência à sua mulher (até o momento que estou escrevendo essas linhas ainda não a conheci), informando que foi dela a idéia de nos dar um apartamento melhor do que o que nos caberia pelo preço reservado. Antes de fazer, por telefone celular, a reserva no restaurante de seu amigo Johnny, motivo principal do começo da conversa, quis saber precisamente a que horas nós iríamos tomar o café da manhã para que a mulher dele pudesse preparar.

Não foi possível marcar algo entre 8h e 9h, pois ele exigiu maior precisão – acordamos para as 8h30. Deu para ver que a *guest house* é confortável (tem piscina, tem internet wireless), mas a vida dele não é nada acelerada, e é garantida pelos bons preços cobrados para ter esse “conforto rural” – 900 rands, que correspondem mais ou menos a 250 reais por casal.





Eram 17 horas e fora da sombra e do ar condicionado da BMW o calor era grande, durante nossa primeira caminhada por Swellendam, andando pelas ruas calmas, pudemos observar a vida neste lugarejo num final de dia de trabalho. Havia muita gente andando de peruas (tipo *pick-up*), sempre um casal ou dois homens na cabine, predominantemente brancos (embora tenhamos visto um carro, um único carro, com negros nessa posição) e na carroceria, em meio às ferramentas agrícolas, havia negros sentados. Entrando e saindo dos supermercados e pequenos armazéns havia

gente de todo tipo, com pequenas compras que pareciam ser do tamanho do necessário para o jantar daquele começo de noite.

A arquitetura em Swellendam chamou muita atenção. Além da igreja anglicana que é a atração principal (nossa foto tirada com uma máquina que não tem grande angular não faz jus à edificação). Havia muitas residências grandes, mostrando que se trata de uma cidadezinha ligada a uma vida rural pródiga. As grandes casas estão todas bem afastadas da rua, a mais de 10 metros e, em muitos casos, com jardins arrumados. O interessante é que a arquitetura combina harmoniosamente elementos europeus (os tipos de sacadas, as janelas, os enfeites de madeira dos beirais) com um telhado tipicamente africano, no formato e no material que era o sapé. Se houvesse um paralelo, diria que a casa se parece com um homem de terno que porta junto um chapéu de safári e isso tudo não soa estranho porque há uma elegância na forma de conjugar as duas partes de origens tão distintas e tão distantes.



Acima, a igreja de Suellendam e, na página seguinte, dois exemplos de sua arquitetura tão peculiar



Já voltando para o hotel, entramos numa boutique de artesanato africano e nos deparamos, naquele pequeno lugar, com uma loja bem *amenagée* e uma proprietária elegante e extremamente atenciosa. Ela nos mostrava as peças que tinha, à medida que demonstrávamos interesse e, gentilmente, falava sobre a origem delas – Congo, África do Sul, Camarões – exibindo os detalhes que indicavam que a maior parte era original e, por isso, ela as classificava como “antiguidades”. As máscaras, as esculturas de madeira e algumas peças em bronze, que eram cachimbos, também sob a forma de esculturas, eram realmente destacáveis. Os preços não eram baixos, mas muito menores do que essas peças teriam, num antiquário na Europa ou mesmo no Brasil...

Voltamos ao hotel, onde nos sentamos na pequena varandinha de nossos aposentos – Eliseu lendo o novo livro do Chico Buarque, *Leite Derramado* – e eu escrevendo essa parte do diário de viagem. Estávamos na expectativa para ver como era o restaurante do Johnny. Eu imaginei um lugar sóbrio, com comida forte e bem temperada e um tratamento duro e simpático ao mesmo tempo. Sim, essa é uma coisa engraçada na África do Sul, eles são ao mesmo tempo europeus e africanos e isso dá essa mistura que é muito difícil de ser descrita, quando queremos falar dos brancos daqui.

Preocupados com o horário do jantar, cinco minutos antes das 20h, que foi o acordado pelo nosso hospedeiro, estávamos nós diante do La Sosta Restaurant.

Entramos na pequena sala, anexa a uma grande casa, parecida com essas descritas acima. Havia 8 ou 9 mesas, cinco ou seis já ocupadas e na entrada um risonho rapaz de 40 anos talvez (sim quando se passa dos 50, a gente acha que os de 40 são rapazes e moças) que nos recebeu e se apresentou como Gianni (não era Johnny? Como vocês vêem era mesmo difícil compreender nosso hoteleiro) que simpática e italianamente nos recebeu, perguntando se éramos os brasileiros para os quais a reserva tinha sido feita.

Bastaram 5 minutos de animada conversa, para sabermos que ele era milanês e tinha vindo da Itália há 3 anos para viver em Swellendam. Eliseu sugeriu que falassem em italiano e pronto: a conversa se acelerou, as mãos passaram a funcionar para complementar o vocabulário e, rapidamente, soubemos que o melhor amigo de Gianni tinha o mesmo nome do avô do Eliseu que imigrara para o Brasil – Vicenzo Sposito – seguido do comentário dele de que Spositos e Vicenzos há muitos na Itália.

A decoração do ambiente era ótima: um estilo contemporâneo, misturado com algumas pelas africanas como o panô, pendurado na parede, acima de um pequeno móvel antigo que, no canto abrigava um abajur super moderno e uma maravilhosa orquídea.



O cardápio parecia excelentemente composto, com opções convidativas e à moda italiana, sugerindo *primo piato*, *secondo piato* e *terzo piato*, e depois os *dolci*, tal como se veria em qualquer menu na Itália. A carta de vinhos era variada e não foi difícil Eliseu escolher um cabernet sauvignon a módicos 80 rands (mais ou menos 20 reais). Aqui, na África do Sul, em função da produção grande de vinhos e da conversão razoável entre o real e o rand, come-se bem e bebe-se bem por preços mais baixos do que teríamos em São Paulo ou mesmo em Presidente Prudente, onde esse tipo de serviço é mais barato que na metrópole. Gastamos, nesse excelente restaurante, 370 rands, o que significa mais ou menos 90 reais.

A cada vez que vinha à mesa, Gianni ia dando mais informações, estimulado por nós. De fato, nossa curiosidade estava grande sobre as razões pelas quais Gianni deixara Milão para viver em Swellendam. Supusemos várias coisas e nem vale a pena falar sobre elas.... mas sim contar o que depois viemos a saber: ele e a esposa vieram em férias à África do Sul para conhecer, sobretudo, o Park Kruger onde estivemos Eliseu e eu no começo dessa viagem. Apaixonaram-se pelo país e pensaram em comprar uma casa à beira mar, para vir nas férias e para morar num futuro distante. O sonho foi adiantado, segundo Gianni, porque sua mulher que trabalhava num banco em Milão, passou a sonhar com a idéia de viver de um restaurante, pois sempre se

interessou por culinária e era ela a *chef de cuisine* daquele restaurante (nesse exato momento uma das nossas suposições sobre a vida do Gianni – uma paixão avassaladora por uma linda negra ou por lindo negro – caiu por terra).

Ao final da noite, Cristiane veio às mesas que ainda estavam ocupadas, apresentou-se e perguntou se apreciamos a comida. Claro que sim. Já ia esquecendo de registrar que Eliseu comeu melão com presunto italiano, de entrada, seguido de penne ao pesto. Eu escolhi carpaccio de braciolla e, também, penne mas ao molho de frutos do mar. Uma sobremesa para dois – tiramissú. Como vocês vêem, nada de comida africana, ou holandesa ou inglesa, para honrar o domínio europeu, neste país, mas um delicioso menu italiano!!!

O que quer dizer *sosta*, que dá nome ao restaurante? Um lugar para se encostar, para se parar..... Adequado não?

Na manhã seguinte, tomamos café da manhã num pequeno pátio, sob pergolado coberto por uma videira, servido pelo proprietário da *guest house* e sua bonita esposa que, finalmente, tivemos a oportunidade de conhecer.

Em seguida, fizemos a visita ao Museum Drostdy, que ocupa o conjunto de edificações erguidas pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, em 1747, como sede do magistrado sediado nessa cidade. Ele nos ofereceu uma boa ideia de como era a vida colonial nesse lugarejo, no século XVIII, porque além da casa principal onde morava o major holandês, cujos estilos holandês e georgiano, misturam-se ao sistema de cobertura africano, havia ferraria, selaria, curtume e sapataria, moinho, uma pequena cadeia, padaria e um pátio unindo esses espaços, onde se praticava, naquele, período o comércio.



A casa principal que compõe o complexo do museu e alguns cômodos dela, nas fotos superiores. Nas fotos da página seguinte, um exemplo de construção anexa e de uma oficina.



O ponto alto do museu era a sua recepcionista, que deve ser também a sua diretora, a sua tesoureira, a sua mantenedora, a sua arrumadeira..... Trata-se de uma simpática senhora gorda (como a maior parte das brancas da África do Sul, após certa idade) que explicava rapidamente o roteiro para se visitar o museu, num pequeno folder que continha a representação das edificações, ao mesmo tempo em que cobrava as nossas entradas, observava os carros que estacionavam e vendia uma bonequinha de pano para outra visitante.

Em nossa saída, após ter perguntado de onde víhamos, despediu-se, alegremente, falando "Gracias". Eliseu logo advertiu que falávamos português no Brasil e não espanhol. Ela ficou buscando na memória alguma palavra nessa língua e foi ajudada por ele que lhe lembrou: "Obrigada". Ela repetiu alegremente, informando que tinha um conhecido português e sabia um pouco dessa língua. Fechou, com chave de ouro, a sua confusão, em relação às línguas latinas, dizendo: "Arrivederci!"

Acho que os africanos do sul têm todo direito de fazer confusão com outras línguas que não as suas, uma vez que eles já têm suas próprias dificuldades de lidar com línguas de origens tão diversas, necessárias e imprescindíveis para a comunicação nacional. Num país assim, a gente fica aliviado de viver num país tão grande como o Brasil no qual se fala a mesma língua, facilitando nossa comunicação de norte ao sul.





Vejam que nem mesmo as placas indicando o ofício de turismo coincidem quanto às línguas escolhidas para a comunicação.

